

**SUSEONJAE NO BRASIL: OS DESAFIOS DE DIÁLOGO DA
FILOSOFIA COREANA COM A CULTURA BRASILEIRA**

*SUSEONJAE IN BRAZIL: THE COMMUNICATION CHALLENGES OF
THE KOREAN PHILOSOPHY WITH BRAZILIAN CULTURE*

Autor

Resumo: O Suseonjae é uma escola de meditação sul-coreana recém-chegada ao Brasil que toma como base os princípios da antiga tradição *Seon*. Com propostas ambientalistas e ascéticas, mobiliza membros no intuito de construir ecovilas mundo afora e a implantar hábitos saudáveis e harmônicos em suas relações com a sociedade, natureza, consigo mesmo e com o divino. Suas doutrinas fundamentais, porém, paradigmáticas e pouco sincréticas frente à cultura local, em especial quando veiculadas sob uma abordagem transplantada da Coreia do Sul sem adaptações, são recebidas com dificuldade e resistência pelos brasileiros por conta das evidentes diferenças culturais. Encontrar e compreender alguns destes problemas é o objetivo do presente artigo.

Palavras-chave: Suseonjae, tradição *Seon*, coreanos no Brasil, diferenças culturais.

Abstract: Suseonjae is a south korean meditation school recently arrived in Brazil that grounds its principles in the ancient *Seon* tradition. With environmentalist and ascetic proposals, mobilizes members in order to build ecovillages around the world and to lead healthy and harmonic habits in their relations with society, nature, themselves and the divine. Their fundamental doctrines, however, paradigmatic and not syncretic to the local culture, specially when told using a transplanted approach from South Korea without adaptations, are received with difficulty and resistance by brazilians due to the visible cultural differences. Finding and understanding some of these problems is the objective of this article.

Keywords: Suseonjae, *Seon* tradition, koreans in Brazil, cultural differences.

1. Introdução

Há anos atrás, fui apresentado a um monge budista coreano. O *sunim*¹ estava de passagem pelo Brasil e eu, na época envolvido com a colônia coreana, acabei sendo seu guia por um dia. Logo retornou ao país de origem e eu, à rotina. Alguns anos se passaram e, por conta de uma crise pessoal em 2009 e da forte impressão que ele havia me causado, fui procurá-lo. Descobri que tinha retornado ao Brasil e era agora responsável por um templo budista no Bom Retiro². Lá o reencontrei e passei a frequentar, sendo atenciosamente instruído e apresentado como algo exótico aos demais frequentadores – todos de descendência coreana. Mais algum tempo passou e o monge teve de regressar em definitivo para a Coreia do Sul, encerrando assim as atividades do templo.

Um ano se passa e recebo uma ligação inusitada. Era Hwan Soo Lee, um professor de meditação que o *sunim* havia me apresentado, de passagem pelo país na ocasião. Marcamos uma reunião e, como pôde, me explicou que estaria trazendo para o Brasil, no mesmo bairro, um discípulo e a escola de meditação da qual fazia parte, já me convidando para ser seu intermediário. Ambos falavam apenas coreano, de modo que por meses nossa comunicação contava somente com mímicas, rascunhos, e-mails com palavras-chave, ocasionais tradutores e, principalmente, uma empatia que pontuava todo encontro com um consenso.

Assim foi se estruturando o Suseonjae no Brasil. Com o tempo, foi atraindo interessados na colônia e eu mesmo me tornei o responsável pela tradução do material que vinha da filial norte-americana. Ficou claro que a doutrina guardava premissas muito mais complexas e paradigmáticas que ensinar as pessoas a meditar, algumas bastante revolucionárias, evidenciadas pelo próprio ascetismo dos mestres, que tudo abandonaram por esse fim. Percebi que estava, enfim, diante de uma religião, ou ao menos de uma filosofia bastante devota.

Nesta altura, brasileiros se aproximavam, mas poucos permaneciam. Acabei deixando o grupo por conta de outros interesses, mas não pude deixar de notar o desafio que era para os mestres transmitirem sua mensagem para indivíduos de um cenário tão

¹ Título coreano dado a monges budistas.

² Bairro de São Paulo onde se concentra a colônia coreana (vale mencionar também o bairro Aclimação).

notoriamente diferente. Este impasse passou a ser evidente em todas as tentativas daí para frente, ao ponto de ficar claro que o problema não era apenas uma palavra ou conduta, mas toda uma cultura. Para que uma proposta de mudança tão radical de hábitos e valores fosse considerada pelos novos ouvintes, seria necessária uma nova abordagem, e compreender tais dificuldades que a demandam é o objetivo do presente artigo. A pertinência desta análise não se limita ao Suseonjae, ainda muito pouco influente no Brasil, mas a quaisquer filosofias ou religiões de origem e forma similares que certamente terão de enfrentar o mesmo problema de comunicação diante da cultura brasileira.

2. O Suseonjae

Há mais de 4000 anos, na Manchúria e na península da atual Coreia, havia a cultura *Seon*. Há no ocidente poucas fontes que se prestam a analisar esta tradição³, mas diz-se que era uma antiga base de pensamento que permeava todas as áreas da sociedade. Há quase dois milênios, entretanto, durante a era Samguk⁴ e a chegada do taoísmo e confucionismo, seguidas pelo budismo - que tornou-se a religião oficial de Goguryeo, Baekje e Silla -, a nação adaptou fortemente sua cultura a premissas estrangeiras, reduzindo o *Seon* a um ensinamento transmitido secretamente. Durante a década de 1980 na Coreia do Sul, várias iniciativas foram tomadas com o propósito de resgatar a cultura espiritual tradicional do país, relembrando assim a milenar doutrina relegada.

O caractere chinês *Seon* (仙) representa um ser humano (人) sobre uma montanha (山), simbolizando a conexão entre humanidade, natureza e universo. Isso ilustra a principal diretriz da filosofia tradicional coreana: a coexistência harmônica desta tríade. Embora o *Seon* tenha como atitude religiosa principal a meditação, seu olhar não tem como fim a mera introspecção, mas sim a devoção ao meio natural como um lugar de retorno e conexão com as origens cósmicas, passível de compreensão e também cenário para um desenvolvimento gradual rumo ao transcendente. Amar a natureza e se comunicar com ela é requisito para a elevação e para a própria sobrevivência.

³ Sem me propor a ser conclusivo nesta questão histórica (o que não compete ao propósito do artigo), tomo como referência provisória os livros de Suroso Mun citados na bibliografia e depoimentos do mestre da Suseonjae norte-americana, Roar Sheppard.

⁴ Período compreendido entre o século I e o século VII, também conhecido por Os Três Reinos da Coreia.

Suroso Mun, uma coreana de meia-idade levando uma vida convencional se lança a um isolamento de mil dias em meditação, onde declara ter atingido a Iluminação⁵. Interessados se aproximam pedindo para serem instruídos, e um centro de treinamento é aberto em 1998, o Suseonjae. A escola nasce tendo como base a tradição *Seon* e logo amplia seus objetivos, se expandindo para Nova Iorque, Paris, Sydney, Berlim, Pequim, Tóquio, Seul, Joanesburgo e São Paulo. Essa expansão se dá ao fato de que, por supostamente os praticantes terem acesso a previsões sobre drásticas mudanças planetárias, a única salvação dos povos seria construir ecovilas harmônicas e autossustentáveis ao redor do mundo onde os grupos gradualmente pudessem viver em conjunto, o que seria uma proteção contra as partes negativas de tal transformação. Assim sendo, seus membros mais engajados abdicam de sua vida no país de origem e se instalam em diversos cantos do globo sem patrocínio formalizado, devotos à missão, contando apenas com a ajuda daqueles a serem mobilizados pela causa.

Hwan Soo Lee se prontificou a cumprir tal objetivo no Brasil e, enquanto cuidaria da parte administrativa, seu discípulo Seongmun Hwang daria as aulas de exercícios: aqui adotariam os nomes Lucas e Antônio, respectivamente. Outros ensaios haviam ocorrido em anos anteriores com outro mestre, mas não deram frutos, fazendo-se necessário recomeçar. A colônia coreana os recebeu com considerável abertura. Mestre Lucas comumente convidava os visitantes mais interessados para uma conversa ao redor da característica mesinha de chá, onde se abria a perguntas e lançava as afirmativas mais peculiares da doutrina. Durante o primeiro ano fui intermediário entre as culturas, traduzindo material e apresentando o grupo a brasileiros, de quem colhi relatos que servem de base para as reflexões deste artigo.

3. Desafios de diálogo segundo relatos

Neste primeiro momento, as dificuldades de comunicação do Suseonjae com a cultura brasileira serão abordadas sob uma reflexão que toma como base minha experiência pessoal (agosto de 2010 a agosto de 2011) e relatos de oito brasileiros que tiveram contato com o grupo. Importante ressaltar que a maioria das aulas também contava com a

⁵ Aqui, refere-se à definição dada pelo Suseonjae (vide citação na página 7).

participação de coreanos da colônia, culturalmente mais familiarizados com o discurso do Suseonjae, servindo como esclarecedor elemento comparativo nesta abordagem cultural.

3.1. As aulas

Chegando ao Brasil, o Suseonjae optou por primeiro se apresentar despretensiosamente como uma escola de meditação. Através da *prática seongye*⁶, o interessado poderia conquistar um equilíbrio físico e emocional com uma oferta semelhante à do ioga ou do tai chi no mesmo contexto - práticas funcionais para promover o bem-estar cotidiano. Houve, portanto, esta prudência por parte do grupo, não se colocando como religião nem tão logo lançando afirmativas polêmicas. A um primeiro momento, os exercícios físicos assemelham-se a *ásanas*⁷ com movimento e repetição, mas logo suas particularidades ficam evidentes. Não se preocupam em ser estéticos, variando de exercícios de aquecimento análogos aos vistos em academias de ginástica convencionais à imitação do movimento de animais e massagens praticadas em si mesmo. A proposta é a desobstrução de meridianos⁸ para o melhor fluxo da energia, feita através destas sequências. Isto se faz fundamental para desintoxicar energeticamente o corpo, um requisito necessário para a segunda parte da *prática seongye*, que é a *respiração danjeon*⁹. Aqui se valoriza a respiração completa, ou abdominal, também presente no ioga na forma de *pranayamas*¹⁰. A aula passa por um período de relaxamento e termina com a *meditação seon*, quando, com o corpo purificado e energizado, é finalmente possível alcançar uma introspecção plena, absorvendo as energias mais limpas disponíveis¹¹. É para os mestres e praticantes avançados o momento em que se pode entrar em contato com os planos superiores.

⁶ Na cosmovisão *Seon*, *Seongye* é o último dos dez níveis evolutivos, a morada dos deuses.

⁷ Posturas psico-físicas do ioga.

⁸ Canais de energia no corpo, segundo a medicina tradicional chinesa.

⁹ *Danjeon* seria um reservatório invisível situado abaixo do umbigo, que pode ser preenchido com energia vital através da respiração abdominal e de suma importância para a transcendência.

¹⁰ Exercícios de respiração do ioga.

¹¹ Na cultura *Seon* há três tipos de energia positiva das quais podemos usufruir. Da menos pura à mais pura: *energia da Terra*, *energia do Céu* e *energia do Universo*.

Este é o *approach* mais seguro encontrado pela escola para interessar o brasileiro num primeiro momento, uma vez que o cidadão das grandes cidades já está habituado com a oferta de práticas orientais como alternativa para combater o *stress*, preservar a saúde e equilibrar a mente. A estranheza visual de alguns movimentos, porém, já traz uma primeira resistência: estes se distinguem de exercícios convencionais por aparentemente não trabalharem nenhum grupo muscular ou condicionamento, quando sua função na realidade é desobstruir meridianos, abordagem pouco compreendida entre os ocidentais. Segundo uma entrevistada:

A princípio os exercícios pareciam simples aquecimentos, até que Antônio passou para uma etapa onde pedia que golpeássemos braços, tórax, abdome e pernas com a palma das mãos em forma de concha, algo que nunca vi em minha prática de *yôga*. Só depois fui entender aquilo como algo análogo a uma massagem que eu mesma faria em mim, mas no momento o exercício pareceu sem sentido. (L.; entrevista, abril de 2012, São Paulo)

Além disso, enquanto a maioria destes exercícios não exige flexibilidade, exige repetição, resistência e um pouco de equilíbrio, o que pode ser custoso para alguns. “Já não aguentava manter meus braços esticados com as mãos viradas para o alto nos primeiros dois minutos e desisti, até que tive de tentar novamente pois o exercício duraria mais oito minutos” (D.; entrevista, abril de 2012, São Paulo).

A importância da respiração abdominal e da meditação é ainda menos compreendida num contexto ocidentalizado onde tanto as religiões como as próprias modalidades físicas não lhes dão relevância. Pude observar entre os brasileiros que o tempo que essas duas etapas exigem é longo demais para que estejam confortavelmente imóveis ou de olhos fechados. O relaxamento resultante da *prática seongye* é evidente e nos adaptamos melhor com o tempo, mas o condicionamento e concentração necessários são intimidadores num primeiro contato.

3.2. Linguagem verbal

Enquanto fica evidente a preocupação inicial do grupo em não transmitir a público seus fundamentos mais importantes e que mais poderiam chocar ou causar desconfiança ao possível interessado, restam alguns termos similarmente paradigmáticos que não são evitados na propaganda. Isso pode ser exemplificado pelo texto contido num panfleto de divulgação:

Suseonjae é a escola de meditação que lhe direciona para o caminho da verdadeira Iluminação. Iluminação não é algo tão inacessível. Saber claramente quem você é, como você tem de viver sua vida e para onde você irá quando partir após ter nascido como um ser humano é a Iluminação, e o verdadeiro caminho para a Iluminação é viver uma vida liberta, linda e frutífera. (A Escola de Meditação, SUEONJAE; impresso de divulgação distribuído em 2011)

Ao leigo, a Iluminação é algo incompreensível. Ao cristão, em especial, que considera que a salvação parte de Deus e não de práticas de mérito próprio, isso é recebido como uma propaganda ousada – ainda mais quando a qualifica como verdadeira dentre tantas -, pois no entendimento deste, soa como inatingível neste mundo e, portanto, não se pode oferecer. Ao mesmo tempo, a proposta comumente se faz num contexto de *tranquilidade axiomática*, conceito que definirei em tópico posterior.

Outra dificuldade verbal vem das próprias traduções. O *hangul*, alfabeto silábico coreano, compõe uma estrutura de sintaxe distinta das línguas latinas ou anglo-saxônicas, o que demanda uma reconstrução sintática do período. O que se vê, porém, das traduções do coreano para o inglês, é quase uma simples substituição de termos. Como tradutor deste material do inglês para o português, me deparei com afirmativas repetidas e estereis, me dando ao direito de reconstruí-las tardiamente. Além dessa adaptação na sintaxe, é importante observar também que se fez necessária a adaptação de palavras específicas que não têm correspondência direta no português.

Naturalmente, a dificuldade verbal mais evidente é o fato de que Lucas e Antônio não falam português. Isso não se torna um problema entre a colônia, onde tradicionalmente até os mais jovens são instruídos no idioma coreano, mas naturalmente serve de grande obstáculo aos brasileiros, objetos formais da presente pesquisa. Embora o Suseonjae disponha de material bibliográfico traduzido para o inglês e português, é no contato direto com os mestres que se conquista o interessado. Cabe uma observação: o indivíduo não entender verbalmente os ensinamentos de mestre Lucas - que, ao contrário de Antônio, parece não se interromper pela incompreensão do interlocutor e faz longos discursos em coreano – curiosamente apresenta um caráter positivo a princípio por, afinal, agregar um quê mais sensorial e menos racional ao discurso, onde a credibilidade se conquista pelo carisma do tutor mais que pela argumentação. Quando contato inicial, o diálogo empático se faz suficiente: “O mestre fala como se eu estivesse entendendo as palavras, o semblante tranquilo dele me convence mais que a tradução convenceria” (J.; entrevista, abril de 2012,

São Paulo). Porém, aqueles que procuram se aprofundar nos ensinamentos inevitavelmente sentirão falta de conceitos mais pontuais a serem transmitidos oralmente, a servirem de diretriz apreensível para seu progresso na doutrina. Justo observar que na escola comumente está presente algum membro da colônia que atenciosamente age momentaneamente como tradutor; porém, não se pode contar todos os dias com essa presença, as traduções nunca são exatas pelos motivos do parágrafo acima e, muitas vezes, nosso questionamento é de ordem tão pessoal que nos sentimos desconfortáveis com o intermédio de uma terceira pessoa entre discípulo e mestre.

3.3. Linguagem visual

Não há muito a dizer aqui que dispense uma profunda análise da arte da Coreia, algo muito além do escopo deste artigo. Na realidade, a estética do Suseonjae, tipicamente coreana, conta mais como elemento atrativo que distanciador. Os coreanos da colônia têm uma séria preocupação com a beleza, organização e asseio, sendo tanto as pessoas como os ambientes que frequentam bastante apresentáveis e agradáveis. Isto torna-se ainda mais evidente em contraste com as ruas do Bom Retiro, bastante aglomeradas, barulhentas e sujas, sendo a casa do oriental um contraponto onde prevalece o bom gosto e a limpeza neste cenário. Na escola de meditação não é diferente, a leveza do ambiente agrada os sentidos. Os símbolos e cartazes emoldurados, que preenchem as paredes do salão, exibem cores vivas e uma diagramação consciente, sendo bonitos e acertadamente posicionados independente do tema que abordam.

O que torna este sub-tópico necessário ao avaliar a dificuldade de comunicação do grupo com a cultura do país é uma questão muito específica: até mesmo para falar de temas polêmicos ou catastróficos, a linguagem visual é bela e alegre. Enquanto isso é coerente com sua filosofia, pode causar descrédito aos olhos brasileiros, acostumados a associar seriedade com distanciamento. Exemplo claro disso são os livretos onde se descreve a conversa que *seonims*¹² tiveram com determinado animal ou planta. Essa comunicação é improvável no nosso julgamento, demandando cuidado e credibilidade ao ser exposta - apesar disso, no material gráfico é retratada com ilustrações estilizadas e coloridas, por exemplo humanizando a cobra ou a acácia, num diálogo com o sorridente praticante.

¹² Praticantes avançados da tradição *Seon*.

Sabemos que esta intervenção estética é algo comum na arte publicitária oriental, mas gera mais resistência ao indivíduo ocidental para somar com a resistência já presente frente a uma hipótese tão duvidosa.

3.4. Tranquilidade axiomática

Com este termo quero referir à convicção dos mestres acerca de sua doutrina. Nenhum dos sujeitos entrevistados sentiu fanatismo ou imposição por parte de Lucas e Antônio, como é bastante comum entre missionários de certas religiões. Pelo contrário, sua conduta é tranquila e não impositiva, e quando há resistência da outra parte, simplesmente silenciam e esperam outro momento para prosseguir. Esta calma reforça sua convicção e lhes garante credibilidade.

Porém, ao mesmo tempo, este convencimento serve como agente distanciador quando no *background* de outras circunstâncias. Justamente por sustentarem tão seguramente as bases da cultura *Seon* de maneira discreta, não agem no sentido de omiti-las, mas também não agem no sentido de justificá-las – desta forma, parecem não fazer distinção entre axiomas consensuais e axiomas polêmicos. Quando já familiarizados com o discípulo, não adaptam o discurso ao ouvinte ou ao momento, como se até os preceitos mais radicais já fossem evidentes mesmo para um indivíduo de cultura tão distinta. O diálogo extraplanar¹³, por exemplo, é algo tão abertamente aceito em sua rotina, que na ótica dos *seonim*, não é da possibilidade de fazê-lo que o brasileiro duvidará, talvez apenas da mensagem transmitida. Logo, mencionam paradigmas sem uma argumentação prévia visando penetrar minimamente as barreiras estruturadas por outras influências como o próprio ceticismo. As assertivas feitas sob sua *tranquilidade axiomática* são pontos de choque que às vezes passam despercebidos, e distanciam não por falta de simpatia ou credibilidade, mas pela abundância de informações novas e contrárias às verdades até então tidas como base, lançadas sem pausas justamente pela referida convicção despreocupada.

...eu estava todo preocupado em me justificar, em explicar pro mestre que não tive tempo de praticar a respiração *danjeon* em casa mesmo sabendo que o tempo de preparo está acabando, e em meio a esse sentimento de culpa eu nem parei pra pensar quando é que,

¹³ Quando em estado de profunda meditação, os mestres receberiam mensagens oriundas de plantas, animais e de seres cósmicos, dentre as quais, as previsões sobre o mundo.

afinal, eu passei a acreditar que alguma mudança planetária realmente ia acontecer. Quando percebi, já era ponto passivo da conversa e estávamos debatendo outras coisas. (F.; entrevista, abril de 2012, São Paulo)

3.5. Impossibilidade sincrética e conduta

Todos esses relatos e reflexões específicas estão contidos no cerne do problema, que é a impossibilidade de traçar paralelos entre as duas culturas para uma maior compreensão mútua. Ambas são distintas e, uma vez que não se encontra equivalentes para seus conceitos no universo próprio de cada - tampouco se pode alterar configurações tão arraigadas - somente poderão ser aceitas quando compreendidas, e só serão compreendidas pelo brasileiro comum através de uma radical adaptação do diálogo. Uma alternativa talvez seria aproximar a linguagem do Suseonjae à do kardecismo, por exemplo, buscando assim um repertório de termos e ideias intermediário entre o imaginário tradicional e o novo.

Não pode faltar aqui o registro de um elemento distanciador fundamental: a conduta comprometida. Aos visitantes já familiarizados com a moral espiritualista, consentir que se precisa cultivar o bem, abolir certos alimentos, criar uma disciplina de meditação, corrigir a respiração no dia a dia e monitorar pensamentos não é tarefa difícil no plano conceitual. Acontece, entretanto, que se o praticante realmente apoia a doutrina *Seon*, muita coisa deve ser mudada em sua rotina para manter a coerência. Ao apontar que a natureza está em crise e pede atenção, ajudar na construção da ecovila é prioritário frente ao tempo empregado em algum capricho pessoal, o que pede considerável voluntarismo e militância. Os mestres não cobram engajamento, apenas relembram e observam. Quem inconscientemente se cobra é o próprio praticante, por vezes se intimidando pela sua própria seriedade e deixando o grupo por isso. “Melhor sossegar, que periga eu largar trabalho e família pra passar a vida meditando na floresta!” (J.; conversa casual, janeiro de 2012, São Paulo).

4. Desafios de diálogo segundo Stark

Abordemos brevemente as dificuldades de diálogo do Suseonjae no Brasil sob a interpretação do sociólogo da religião Rodney Stark¹⁴. O autor propõe dez motivos gerais

¹⁴ O artigo integra o livro *Cults and New Religious Movements – A reader* (referido na bibliografia) como o capítulo dezesseis (*Why Religious Movements Succeed or Fail: A Revised General model*).

que determinam o sucesso ou o fracasso da perpetuação de um novo movimento religioso numa comunidade. Embora ainda muito pequena no Brasil para que o modelo se aplique com perfeição, e embora não se declare como sendo religião, a instituição parece obedecer a uma lógica de funcionamento similar cabendo, assim, uma análise sob esta ótica.

4.1. Conservação do capital cultural

Novos movimentos religiosos tendem ao sucesso à medida que mantêm continuidade cultural com a fé convencional das sociedades onde buscam convertidos. (Stark, 2003, p.261)

Por *capital cultural* entende-se o bem imaterial acumulado pelo indivíduo ao longo do tempo sob a influência de determinada cultura. Para Stark, o trânsito religioso obedece leis evidentemente econômicas: a tendência é que, numa mudança de religião, o interessado vai optar pelo melhor custo-benefício de capital cultural, ou seja, aquela onde se demanda menos esforço e mudanças para a conversão.

Tendo o Brasil uma sólida formação católica¹⁵, a adesão ao Suseonjae demanda alto investimento, ao contrário do que ocorre na própria Coreia do Sul que, embora majoritariamente cristã atualmente, mantém fortes raízes do budismo, religião mais próxima às premissas da escola. Isto é comprovado pelo fato de que os brasileiros que se aproximam do grupo e nele permanecem têm uma experiência prévia seja do budismo, do taoísmo ou, em menor escala, do hinduísmo e do kardecismo.

4.2. Se falha a profecia

Novos movimentos religiosos tendem ao sucesso à medida que suas doutrinas são não-empíricas. (Stark, 2003, p.262)

Muitas religiões e seitas tornam-se atraentes pela oferta de mágica, seja em forma de garantias, previsões ou simpatias. O oculto sempre atraiu o homem, mas este elemento só auxilia o novo movimento religioso enquanto não for suscetível à contraprova. Mais

¹⁵ Vale lembrar que no Bom Retiro há a forte presença de judeus, também com capital cultural bem distinto.

ávido que a aproximação será o distanciamento do adepto frente a uma magia se provando ineficaz.

Aqui reside um ponto delicado do Suseonjae. Muitas de suas decisões como instituição são justificadas pelas já referidas previsões, arriscadamente pontuais. Enquanto a maioria delas se fez verificável – impressionando e firmando membros -, aquelas com data futura podem ser um trunfo ou um revés para o apelo do grupo por adeptos tão logo chegue o momento apontado.

4.3. Ecologia favorável

Novos movimentos religiosos tendem a prosperar à medida que competem contra organizações religiosas locais e fracas numa economia religiosa relativamente desregulada. (Stark, 2003, p.266)

Um fenômeno notável entre os coreanos do Bom Retiro é sua grande adesão a igrejas cristãs e, em especial, a igrejas evangélicas. Nos termos do referido autor, o Suseonjae enfrenta uma ecologia desfavorável, não só pela força e estrutura das religiões concorrentes, como por estas partirem de uma base bastante distinta da sua, às vezes até agressiva perante ela. A já difícil tarefa de convencer brasileiros da validade de sua doutrina por conta da formação cultural católica é prejudicada agora devido à resistência oferecida por parte dos próprios coreanos cristãos. Acentua ainda mais essa dificuldade o fato de que, procurando doutrinas orientais, os brasileiros encontram no mesmo bairro grupos budistas mais populares antes de chegarem ao Suseonjae.

4.4. Elos sociais

Novos movimentos religiosos terão sucesso à medida que preservam fortes elos internos, enquanto abertos a uma rede social apta a criar e manter laços externos. (Stark, 2003, p.267)

No que diz respeito aos elos internos, o Suseonjae conta uma vantagem: a interação entre os membros comumente é marcada por amizade, manifestações de simpatia e não se vê impessoalidade, sendo dinâmica e comum a participação na vida pessoal uns dos outros. Porém, sitiada na colônia coreana e frequentada principalmente por membros dela, a escola

mantém poucos laços externos ao bairro. É visível a autossuficiência dos imigrantes coreanos, seja profissionalmente, culturalmente, ou mesmo afetivamente, o que se traduz num distanciamento étnico. A tradição se mantém forte e não raro o indivíduo sequer sente necessidade de melhorar o português para criar relações de amizade em outro ambiente ou com grupos de outra descendência. Tanto é que a maior parte dos brasileiros interessados na prática referida chegaram indicados por mim ou por outro brasileiro.

4.5. Demais tópicos

As demais regras do referido autor não se aplicam ao Suseonjae, ou se aplicam de forma muito relativa, ou se aplicam com resultado positivo, não cabendo assim a esta proposta:

O quarto tópico de Stark pede uma liderança legítima como requisito para a perpetuação de um movimento religioso: enquanto Suroso Mun mantém-se presente apenas em livros, mestre Lucas faz seu papel, sustentando o grupo com sua vasta experiência em cultura *Seon* e seu forte carisma, não estando, portanto, o Suseonjae em desvantagem neste sentido. O quinto tópico pede uma força de trabalho religiosa no intuito de convocar potenciais adeptos, medida esta voluntariamente acatada no grupo em questão, seja no dia a dia ou em ocasiões especiais, tanto em divulgação oral como através de passeatas em locais públicos de grande trânsito vestindo faixas com mensagens, por exemplo. Os tópicos restantes falam da importância da fertilidade, da adesão herdada, do rigor (ver tópico 3.5) e do afastamento de *free riders*¹⁶ no grupo como medidas visando manter um número seguro e engajado de membros. Estes podem ser desconsiderados, uma vez que o Suseonjae começou suas atividades no Brasil há poucos anos, está em fase de adaptação e ainda é bem pequeno para se encaixar nesta regra tão orgânica.

Considerações Finais

O Suseonjae é uma escola séria que merece a atenção de todos aqueles interessados pelas religiões do leste da Ásia e que carreguem consigo um ímpeto ambientalista. Os desafios que os mestres encontraram aqui no Brasil nascem da transposição direta de seus

¹⁶ Indivíduos que desfrutam do movimento religioso sem envolvimento real, se isentando do custo cultural.

elementos originários para um cenário cultural completamente distinto. Para cumprirem com seu propósito no país, não é necessária uma reformulação de suas bases ideológicas, mas simplesmente uma estratégia mais consciente de diálogo, adequada à realidade nacional. Um *approach* estético mais cauteloso, o uso de discursos que busquem um mínimo de sincretismo com a experiência pessoal do interessado, explicações prévias sobre os exercícios, o aprendizado do idioma nacional por parte dos mestres e uma expansão para fora da colônia coreana parecem tentativas promissoras para o sucesso da escola de meditação no Brasil. Suas características, tão análogas ao budismo e taoísmo, enquanto carregando também grandes particularidades - a tradição *Seon* -, muito agradariam brasileiros abertos a práticas espirituais alternativas tão logo as barreiras culturais fossem rompidas.

Referências Bibliográficas

KIM, Yoo Na. A Jovem Coréia – Um almanaque sobre uma das imigrações mais recentes do Brasil. São Paulo: SSUA, 2008.

MUN, Suroso. The Seon Way to Enlightenment. Englewood: Suseonjae Publishers, 2010.

_____. The Art of no Mind. Englewood: Suseonjae Publishers, 2010.

PARK, Eun Gi. Descubra o futuro da Terra através das Plêiades. São Paulo: Scortecci, 2011.

PARK, Jim Y. Makers of Modern Korean Buddhism. Albany: State University of New York Press, 2010.

STARK, Rodney. Why Religious Movements Succeed or Fail: A Revised General Model. In: DAWSON, Lorne L. (editor). Cults and New Religious Movements: a reader. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2003, p. 259-270.